

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE PSICOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICANÁLISE: CLÍNICA E CULTURA  
MESTRADO

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**A PRESENÇA DO PESQUISADOR PSICANALISTA NA INSTITUIÇÃO  
SOCIOEDUCATIVA E ALGUMAS NOTAS SOBRE A CONSTRUÇÃO DA  
CENA ÉTICA NA ESCUTA-*FLÂNERIE***

DIEINE MÉRCIA DE OLIVEIRA

PORTO ALEGRE

2021

DIEINE MÉRCIA DE OLIVEIRA

**A PRESENÇA DO PESQUISADOR PSICANALISTA NA INSTITUIÇÃO  
SOCIOEDUCATIVA E ALGUMAS NOTAS SOBRE A CONSTRUÇÃO DA  
CENA ÉTICA NA ESCUTA-*FLÂNERIE***

Dissertação de mestrado apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Psicanálise do Programa de Pós-Graduação em Psicanálise: Clínica e Cultura. Instituto de Psicologia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Roselene Ricachenevsky Gurski

PORTO ALEGRE

2021

## ATA DE SESSÃO DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Aos trinta dias do mês de novembro do ano de dois mil e vinte e um, às 16:00 hrs, por videoconferência, reuniu-se a Banca Examinadora para a sessão de defesa da dissertação intitulada “*A presença do pesquisador psicanalista na instituição socioeducativa e algumas notas sobre a construção da cena ética na escuta-flânerie*”, de autoria do(a) mestrando(a) DIEINE MÉRCIA DE OLIVEIRA, sob a orientação do(a) professor(a) Roselene Ricachenevsky Gurski. A Banca Examinadora foi composta pelo(a)s docentes Miriam Debieux Rosa (USP), Rosa Maria Bueno Fischer (PPGEDU/UFRGS) e Claudia Maria Perrone (PPGCLIC/UFRGS). Após a apresentação do(a) mestrando(a), a Banca procedeu à arguição. A dissertação foi aprovada pela Banca Examinadora. O parecer conclusivo foi lido pelo(a) orientador(a). Nada mais havendo a tratar, a sessão foi encerrada às 18:02, sendo a presente Ata lavrada e assinada pelo(a) orientador(a). Porto Alegre, 30 de novembro de 2021.

Prof.<sup>a</sup> Roselene Ricachenevsky Gurski - Presidente da Banca:



Prof.<sup>a</sup> Miriam Debieux Rosa (USP): \_\_\_\_\_

Prof.<sup>a</sup> Rosa Maria Bueno Fischer (PPGEDU/UFRGS): \_\_\_\_\_

Prof.<sup>a</sup> Claudia Maria Perrone (PPGCLIC/UFRGS): \_\_\_\_\_

### PARECER CONCLUSIVO SOBRE DISSERTAÇÃO:

APROVADA                       APROVADA COM CORREÇÕES                       NÃO APROVADA

A Banca considera a dissertação aprovada e sublinha a relevância social e clínico-política da problemática abordada, assim como a contribuição metodológica para as construções da pesquisa em psicanálise no campo social. A Banca também destaca a importante contribuição da dissertação para avanços nos estudos metodológicos em andamento tanto no âmbito do Programa de Psicanálise: Clínica e Cultura, como no NUPPEC/UFRGS – Núcleo de Pesquisa em Psicanálise, Educação e Cultura.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família, em particular à minha mãe, Odete, que, por intermédio da sua simplicidade e coragem, tornou esse momento factível.

Agradeço ao meu pai, Silvano, por semear em mim, desde muito pequena, a paixão pelo mundo.

Agradeço aos meus irmãos, Mara, Marilice e Diego pelo cuidado e incentivo de sempre.

Agradeço aos meus felinos, Salém e Zoe, que com toda sua pequenez, me mostraram a grandeza do amor; especialmente por respeitarem o meu espaço, nos momentos de exclusiva dedicação à dissertação.

Agradeço à minha orientadora, Rose Gurski, por acolher o meu desejo, transmitindo, sobretudo, que rigor e afeto podem andar juntos. Por profanar o valor dos fundamentos da psicanálise, essencialmente no que diz respeito ao gesto delicado de olhar para os detalhes, acreditando que é possível, através da ética psicanalítica, transformar impotência em potência por meio da escuta!

Agradeço a Stéphanie Strzykalski, por nunca ter soltado minha mão, testemunhando a possibilidade de construir vínculos mediante os laços de trabalho. Te amo, amiga!

Agradeço à Fernanda e à Eliara, que através da amizade, me ensinaram a sustentar a diferença, compreendendo minhas ausências durante o processo de escrita.

Agradeço à Gabi Belló, que me conhece ao avesso, e que, por meio desse ato, fez com que eu localizasse forças, quando nem eu sabia que eu tinha.

Agradeço à Nicole Giacomini, por desvelar o valor da vida, descoberta fundamental para criação dessa pesquisa. Obrigada, amiga.

Agradeço ao NUPPEC, pelas discussões construtivas ao longo desse percurso, particularmente, à Bruna Bayer, pela companhia afetiva de sempre, sonhando comigo que esse momento se tornasse realidade.

Agradeço às professoras Miriam Debieux Rosa, Rosa Maria Bueno Fischer e Cláudia Maria Perrone por acolherem nosso convite de compor a banca de defesa desta dissertação.

Agradeço aos agentes socioeducativos pelas experiências compartilhadas, frente ao convite para que transferencialmente, eu pudesse vivenciar o *real* da socioeducação, potencializando a escuta psicanalítica no campo social.

## SUMÁRIO

<b>1. Trajetória de um problema de pesquisa e o encontro com um método: algumas inquietações .....</b>	<b>5</b>
<b>2. Flanando e escutando: o método da escuta-<i>flânerie</i> como possibilidade de pesquisa-intervenção na instituição socioeducativa .....</b>	<b>8</b>
2.1. <i>A figura do flâneur e a construção da escuta-flânerie.....</i>	9
2.2. <i>Do método à teoria: um caminho inverso? .....</i>	13
<b>3. Notas sobre o conceito da transferência.....</b>	<b>Erro! Indicador não definido.</b>
3.1. <i>A transferência e suas ressonâncias .....</i>	<i>Erro! Indicador não definido.</i>
<b>4. A relação transferencial e suas nuances: cenas da pesquisa em uma instituição socioeducativa .....</b>	<b>Erro! Indicador não definido.</b>
4.1. <i>A transferência como condição para o ato de pesquisar.....</i>	<i>Erro! Indicador não definido.</i>
4.2. <i>Quando as palavras ganham corpo: discursos de ódio e narrativas de crueldade .....</i>	<i>Erro! Indicador não definido.</i>
<b>5. O encontro com a cena ética em Butler: efeitos de deslizamentos</b>	<b>Erro! Indicador não definido.</b>
<b>6. Desamparo e Despossessão: elementos para à posição de escuta do pesquisador <i>flâneur</i> .....</b>	<b>Erro! Indicador não definido.</b>
<b>7. Tessituras a partir da escuta-<i>flânerie</i>: algumas observações sobre o fort-da e os três registros (RSI).....</b>	<b>Erro! Indicador não definido.</b>
<b>8. Considerações sobre o encontro com o <i>real</i> na socioeducação .....</b>	<b>14</b>
<b>9. Referências.....</b>	<b>17</b>

**Resumo:** Esta dissertação de mestrado foi realizada com a metodologia de pesquisa-intervenção da escuta-*flânerie*. A intervenção acontece com agentes socioeducadores da Fundação de Atendimento Socioeducativo do estado do Rio Grande do Sul. Este trabalho dá continuidade à metodologia construída no âmbito do Núcleo de Pesquisa em Psicanálise, Educação e Cultura (NUPPEC/UFRGS), a partir da construção de uma escuta psicanalítica possível no campo da Socioeducação. Tal metodologia busca articular a escuta psicanalítica aos fundamentos ético-metodológicos do tema do *flâneur* em Walter Benjamin. Na construção da dissertação, parto de outras dissertações e artigos produzidos no NUPPEC, e busco ampliar o método na direção de aspectos éticos-políticos através do conceito de cena ética em Butler. Tomo como fio condutor cenas da experiência com o campo, que vivenciei flanando pela Instituição. Estas cenas são problematizadas através da teoria psicanalítica e de aspectos trabalhados pela filósofa contemporânea Judith Butler. Entendemos que a escuta-*flânerie* e a cena ética possibilitam novas formas da palavra singular aparecer em sua dimensão coletiva na instituição, indagando os atravessamentos sociais e a dimensão sociopolítica do sofrimento dos sujeitos na própria escuta que realizamos. É assim que este estudo busca ampliar as reflexões sobre o caráter ético-político da pesquisa psicanalítica no laço social.

**Palavras-chave:** Escuta-*flânerie*; Psicanálise; Socioeducação; agentes socioeducadores; Butler;

**Abstract:** This master's thesis was carried out using the research-intervention methodology of listening-*flânerie*. The intervention takes place with socio-educational agents from the Socio-Educational Service Foundation of the state of Rio Grande do Sul. This work gives continuity to the methodology built within the scope of the Nucleus of Research in Psychoanalysis, Education and Culture (NUPPEC/UFRGS), from the construction of a possible psychoanalytic listening in the field of Socioeducation. Such methodology seeks to articulate psychoanalytic listening to the ethical-methodological foundations of the *flâneur* theme in Walter Benjamin. In the construction of the dissertation, I start from other dissertations and articles produced at NUPPEC, and seek to expand the method in the direction of ethical-political aspects through the concept of ethical scene in Butler. I take as a guiding thread scenes from the experience with the countryside, which I experienced while wandering around the Institution. These scenes are problematized through psychoanalytic theory and aspects worked by contemporary philosopher Judith Butler. We understand that listening-*flânerie* and the ethical scene allow new ways of the singular word to appear in its collective dimension in the institution, questioning the social crossings and the sociopolitical dimension of the subjects' suffering in the very listening we perform. This is how this study seeks to expand the reflections on the ethical-political character of psychoanalytic research in the social bond.

**Keywords:** Listen-flanerie; Psychoanalysis; Socioeducation; socio-educational agents; Butler;

## **1. Trajetória de um problema de pesquisa e o encontro com um método: algumas inquietações**

O presente escrito busca compartilhar algumas inquietações que tenho desdobrado desde as construções teórico-práticas no Eixo *Psicanálise, Educação, Intervenções Sociopolíticas e Teoria Crítica* do Núcleo de Pesquisa em Psicanálise, Educação e Cultura (NUPPEC/UFRGS).<sup>1</sup> Pretendo realizar um breve retorno ao que marca a minha entrada no Grupo de Pesquisa NUPPEC/Eixo 3 com a intenção de situar o leitor em relação ao caminho de pesquisa escolhido.

Durante o período de minha graduação (2013-2017), realizada na URI - Campus de Santo Ângelo, tive duas experiências que me aproximaram das atividades de pesquisa, uma como bolsista de iniciação científica (IC) de um dos Núcleos da Faculdade e outra, ao longo de meu trabalho de conclusão de curso. A partir dessas duas experiências dentro da Universidade, fui inquietando-me com a pouca abertura de espaços que discutissem e abordassem a dimensão metodológica das investigações que conduzíamos – sobretudo os modos de articulação da posição do pesquisador na relação com seu objeto/campo de pesquisa.

Apesar do interesse pela psicanálise, que descobri ainda durante o início da graduação, havia poucos grupos de pesquisa ativos na Universidade onde eu estava, sendo ainda menor o número de grupos no campo da pesquisa em psicanálise. Frente a esse contexto, acabei vinculando-me, como bolsista de IC, em projetos cujas metodologias qualitativas e quantitativas apontavam para o princípio de neutralidade do pesquisador, quer dizer, os efeitos da experiência do pesquisador com seu objeto de pesquisa deveriam ser rechaçados em nome do cientificismo e confiabilidade dos resultados. Mesmo sem conseguir nomear de maneira clara, percebia que essas premissas me causavam significativo mal-estar, como se minhas reflexões com o campo acabassem silenciadas.

Na época, a maneira que encontrei para lidar com tal problemática foi convidar para a orientação do meu TCC, intitulado *Uma análise cartográfica sobre o lugar da infância na escola* (Oliveira, 2017), uma professora que trabalhava com a perspectiva

---

<sup>1</sup> O Núcleo é um trabalho conjunto de docentes do Programa de Pós-Graduação em Psicanálise: Clínica e Cultura e do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Colaboram com o Núcleo professores, pesquisadores e bolsistas. Para mais informações: [www.ufrgs.br/nuppec](http://www.ufrgs.br/nuppec) e [www.facebook.com/nuppec](https://www.facebook.com/nuppec).

cartográfica da psicologia social. Isso porque, na cartografia, as ditas “afetações” do pesquisador são legítimas e constituintes do processo de pesquisar.

Ocorre que, mesmo operando um certo desvio das metodologias mais cartesianas à cartografia, ainda sentia falta de uma concepção de pesquisa com fundamentação teórico-metodológica capaz de acolher a dimensão do inconsciente. Ao entrar em contato com a obra de Freud e Lacan, pude identificar alguns dos fundamentos da psicanálise como a atenção flutuante e a transferência enquanto temas fundamentais também para a escuta em espaços institucionais, tais como a escola. Apesar da importância destes aportes, não localizava discussões metodológicas consistentes sobre tais operadores em contextos fora da clínica individual.

Na busca de outros espaços de interlocução que compartilhassem do referido mal-estar que eu experimentava, participei da 2ª Jornada do NUPPEC, em setembro de 2017. Ao escutar a trajetória do Eixo Psicanálise, Educação, Intervenções Sociopolíticas e Teoria Crítica, na época coordenado pela Profª. Rose Gurski, identifiquei ali algumas reflexões que iam justamente ao encontro de minhas inquietações metodológicas da pesquisa em psicanálise em diferentes espaços sociais.

Em 2018, vinculei-me ao NUPPEC, no eixo supracitado, na condição de Pesquisadora Associada. Desde lá, entre outras atividades, estive acompanhando a trajetória de consolidação da “escuta-flânerie” (Gurski, 2019a; 2020; Gurski & Pires, 2020), um modo de pesquisa e intervenção desenvolvida no campo da socioeducação que articula a ética psicanalítica aos fundamentos ético-metodológicos do tema do *flâneur* em Walter Benjamin.

Além da escuta-flânerie, o grupo também consolidou o dispositivo dos *diários de experiência*<sup>2</sup>, um modo de registro da pesquisa que busca fazer o registro da experiência da pesquisa a partir das premissas **fundamentais** da psicanálise, tais como a associação-livre. Estes materiais de registro são produzidos ao longo dos encontros realizados no campo. Os diários estão intimamente ligados à temporalidade do *a posteriori* (Freud, 1895/1990), um momento necessário para que seja possível construir uma narrativa acerca do que é vivido. Ao longo deste escrito, compartilho e trabalho a partir de fragmentos dos diários de experiência construídos a partir da escuta-flânerie.

---

<sup>2</sup> Para outros detalhes sobre o dispositivo dos diários de experiência ver o capítulo 2 - Flanando e escutando: o método da escuta-flânerie como possibilidade de pesquisa-intervenção na instituição socioeducativa, p. 4.

Sublinho que o início da construção da escuta-*flânerie* remonta à tese de doutorado de Gurski (2008) quando essa cunhou o termo ensaio-*flânerie* para nomear um modo de investigação. O ensaio-*flânerie* surgiu do enlace de três elementos: “da *flânerie* como um modo de olhar do pesquisador, do ensaio como a ‘janela da escrita’ e do tema da experiência como uma tentativa de produzir polissemia e criação ao invés de repetição e fechamento de sentidos” (Gurski, 2008, p. 25).

Desde a tese de doutoramento, e através das pesquisas no campo da adolescência em situação de vulnerabilidade social, foi possível para a autora seguir adensando metodologicamente as articulações entre o *flâneur* e a **posição** do pesquisador em psicanálise. Em especial, tal movimento intensificou-se quando, em 2014, o NUPPEC levou suas investigações para o campo da Socioeducação pela via de duas intervenções: inicialmente, as *Rodas de R.A.P.*<sup>3</sup> com os adolescentes que cumprem medida socioeducativa de privação de liberdade (Gurski & Strzykalski, 2019); e, depois, através da escuta-*flânerie* com os agentes socioeducativos (Gurski, 2019a; Perrone & Gurski, 2020).

A partir da fala em supervisão das bolsistas-pesquisadoras, que iam a campo acompanhar as *Rodas de R.A.P.*, foi possível perceber a existência de um discurso dos jovens internados – discurso esse reproduzido pelas bolsistas – que “demonizava” os agentes socioeducadores, como se esses fossem o único e principal “problema da socioeducação” (Gurski, 2019a, 2020) – referimo-nos aqui aos trabalhadores que ficam mais próximos dos socioeducandos no dia a dia institucional. Tal percepção levou o grupo de pesquisa a construir certos questionamentos como: “Mas por que os agentes apareciam tão demonizados pelos gurus e mesmo pelas bolsistas-pesquisadoras? O que do sofrimento psíquico destes trabalhadores só estava podendo aparecer na forma de crueldades e hostilidades?” (Gurski, 2019a, p. 172).

As referidas problematizações tiveram como efeito a proposição de um trabalho de escuta também com os agentes. Foi nesse contexto de decisão do Grupo por uma intervenção específica com os agentes que uma mestranda<sup>4</sup> resolveu desdobrar como

---

<sup>3</sup> As Rodas de R.A.P. “surgem do efeito equívoco que se forja com as iniciais do gênero musical rap (*rhythm 'n' poetry*) para formar as *Rodas* de Ritmos, Adolescência e Poesia – com adolescentes. Através das *Rodas*, ofertamos o mesmo dispositivo de escuta baseado na livre circulação da palavra, mas, desta vez, em conjugação com narrativas musicais. Importa dizer que a introdução dessa materialidade de forma mais sistemática configurou-se como um efeito das primeiras *Rodas*, pois os meninos demandavam um espaço para escutarmos as músicas “*deles*”, especialmente o rap e o funk” (Gurski & Strzykalski, 2018, p. 129).

<sup>4</sup> Referimo-nos à dissertação intitulada *A construção da Escuta-flânerie – uma Pesquisa Psicanalítica com Agentes Socioeducadores que Atendem Adolescentes em Conflito com a Lei*, da psicóloga e egressa do PPG Psicanálise: clínica e cultura, Luísa Puricelli Pires (2018).

questão maior de sua investigação a parte metodológica da pesquisa-intervenção com os trabalhadores.

Apesar da intervenção com os agentes não estar mais sendo realizada na Instituição no momento em que me vinculei ao grupo, a discussão dos efeitos dessa experiência seguia bastante presente. Foi do encontro com esta dissertação citada, com os diários de experiência, com as reuniões do grupo de pesquisa e seus espaços de estudo, que pude construir algumas problematizações que desejo compartilhar agora nesta Pesquisa de Mestrado.

## **2. Flanando e escutando: o método da escuta-*flânerie* como possibilidade de pesquisa-intervenção na instituição socioeducativa**

Consideramos esta pesquisa como um segundo momento da escuta-*flânerie*. Iniciei a *flânerie* junto aos agentes socioeducativos na FASE<sup>5</sup> em agosto de 2019. Na época, me coloquei a *flanar* no âmbito da instituição, com um olhar e uma escuta sem direcionamento, mergulhando apenas para/no que se passava lá.

A fim de explicitar minhas inquietações iniciais, passemos para a reflexão de duas cenas do trabalho citado anteriormente:

*Cena 1: A pesquisadora foi submetida a um pedido em ato, ou seja, a mesma se encontrava na sala dos socioeducadores, quando, de repente, uma agente entra com um socioeducando para realizar exame de corpo de delito em função de uma briga. Sem constrangimento algum, ou reconhecimento da diferença de lugares e posição de ambos naquela sala, ela solicita que o adolescente tire a roupa na frente da pesquisadora, trazendo claramente o convite para que pudessem “ver a mesma coisa”.*

*Cena 2: A mestranda está flanando pela instituição com um dos agentes. Eles seguem até um pequeno corredor, onde é o **Isolamento**. Em seus diários, a pesquisadora descreve: Ali é o fim do mundo. Há grades inteiras e os meninos nas celas, deitados no chão úmido, no escuro. Alguns dormem, embora esteja*

---

<sup>5</sup> Fundação de Atendimento Socioeducativo do Rio Grande do Sul, responsável pela execução das medidas de restrição e privação de liberdade no estado do Rio Grande do Sul, referida como FASE.

*em plena luz do dia. O socioeducador acende a luz só quando a pesquisadora chega, até então os adolescentes estavam em situação desumana.*

O fio comum a essas duas cenas parece ser o convite dos agentes para que a pesquisadora vivencie o *real*<sup>6</sup> da socioeducação, percorrendo, sobretudo, suas entranhas. Talvez, mais do que um convite, possamos falar de um certo imperativo endereçado ao pesquisador: **“tu precisas ver o que eu vejo! Tu precisas viver o que eu vivo!”**.

Diante da *leitura-escuta*<sup>7</sup> (Caon, 1994; Iribarry, 2003) de tais cenas descritas nos diários acima, algumas questões foram surgindo e dando contorno a uma pergunta de pesquisa: **como a problematização da transferência pode nos ajudar no contexto da escuta-flânerie com os agentes socioeducativos?** O tema da transferência na escuta-flânerie foi uma questão inicial formulada a partir da leitura dos diários da pesquisa anterior e do começo de minha experiência com a *flânerie*. Pensar sobre a função da relação transferencial na construção deste dispositivo de escuta se tornou um modo de seguir consolidando o lugar do pesquisador em psicanálise na Instituição socioeducativa.

## **2.1 A figura do flâneur e a construção da escuta-flânerie**

A figura do *flâneur* é retomada por Walter Benjamin, filósofo e ensaísta alemão, através da poesia de Baudelaire. Benjamin destaca a figura do *flâneur* como aquele que se distancia do ritmo acelerado de Paris do século XIX e que, por conta de um ritmo temporal distendido, tem a possibilidade de perceber **cenas, lugares e pessoas** que poderiam passar despercebidos. No cotidiano, seu olhar fragmentado consegue captar o que está presente nos detalhes, nos restos, nas brechas (Gurski & Strzykalski, 2018).

Essas características nos remetem à semelhança da escuta do analista que, diante da narrativa de um paciente, acaba fazendo algumas grifagens acerca das falas enunciadas (Gurski, 2014; Gurski & Strzykalski, 2018; Gurski, 2019a). A metodologia da escuta-flânerie inaugura uma nova **posição** de escuta dentro da instituição, no caso, a instituição socioeducativa. A posição que nos referimos privilegia o protagonismo da ética

---

<sup>6</sup> O *Real* na teoria Lacaniana pertence aos três registros psíquicos inaugurados por Lacan, chamado de SRI (Simbólico, *Real* e Imaginário). O *Real* se refere a aquilo que não pode ser simbolizado, da ordem do impossível de ser elaborado totalmente, tanto no campo da palavra, como da escrita, ou seja, é tudo aquilo que nos escapa (Lacan, 1972-73/1985).

<sup>7</sup> Este conceito de análise dos materiais de registro será trabalhado no transcórre do texto.

psicanalítica e vai ao encontro do que Caon (1997) chamou de serendipidade na pesquisa em psicanálise.

Segundo Caon (1997), a serendipidade se configura como achados e descobertas acidentais intencionadas pelo desejo de investigação do pesquisador, ou seja, é tudo aquilo que ficou marcado na escuta do discurso do Outro<sup>8</sup>, abrindo a possibilidade ao novo, à polissemia, e às múltiplas ressonâncias. Ainda, acrescenta que os achados encontrados no processo da pesquisa do ponto de vista psíquico são guiados pelo desejo inconsciente do pesquisador, sendo assim, de forma alguma podem [os achados?] ser considerados como acidentais, já que a noção de não-saber está presente. Para ilustrar esses **movimentos** e a posição do pesquisador em psicanálise, retomamos a máxima de Lacan, quando esse faz uma alusão à frase de Picasso “eu não procuro, acho” (1964/2008, p. 15), no sentido de colocar-se em suspensão para a escuta e ao que irá se produzir como efeito depois disso, mesmo que não o saiba.

Trata-se de pensar a **escuta** como uma possibilidade de **transmissão** da experiência narrada que aposta na circulação da palavra e rechaça qualquer modo de pasteurização desta. Inspirados nos textos benjaminianos, e na sua forma crítica de “escutar” o que estava se produzindo nos anos de 1930, nos colocamos a pensar sobre novas formas de transmissão da cultura. Trazemos o conceito de experiência, *Erfahrung*, para destacar a importância que o caráter emancipatório da circulação da palavra enquanto campo de saber e transmissão adquire na metodologia da escuta-*flânerie*.

Para Benjamin, a experiência só adquire legitimidade quando é narrada e transmitida, isto é, compartilhada com outro. Desse modo, o conceito demonstra a potência e a vivacidade do detalhe, da criação de um saber que se dá pela via da experiência. Nesse sentido, Benjamin toma a figura do *flâneur* para pensar as questões do seu tempo através de um olhar ambulante e habitante da cidade, conforme comenta no livro das *Passagens*, “trata-se do olhar do *flâneur*, cujo modo de vida dissimula ainda com um halo conciliador o futuro modo sombrio dos habitantes da grande cidade” (Benjamin, 2006, p. 47).

---

<sup>8</sup> Lacan, em sua obra, concebeu algumas articulações a respeito da noção de Outro (A), em francês, *Autre*. Uma dessas formulações se refere ao (grande) Outro como campo de alteridade radical que se apresenta ao (pequeno) outro (a), nosso semelhante; aquele com quem mantemos uma relação de identificação mediante o imaginário (1954-55/2010). Nessa lógica, o Outro pode ser tomado pela via do discurso, já que se encontra para além da representação de nós mesmos, e nos constitui enquanto seres de linguagem.

Importante pensarmos a respeito da vivência do *flâneur* vinculada aos limiares durante a sua *flânerie*, andando pelas ruas e lugares de maneira ilimitada, fazendo da rua sua própria casa, ou, ainda, podemos dizer que o *flâneur* encontra, na rua, a sua casa.

Benjamin (1892-1940/2017), no aforismo *Ler romances*, comenta sobre as formas distintas de ler textos que possuem literaturas dessemelhantes. Nele, destaca a dimensão do encontro que cada leitor tem com o escrito, a partir do enlace com a sua experiência, “é certo que também há alimentos crus da experiência – tal como há alimentos crus para o estomago –, concretamente: as experiências que nos passam pela própria pele” (p. 130).

Através das narrativas compartilhadas na escuta-*flânerie*, foi possível perceber que um outro tempo foi se estabelecendo durante a intervenção, pouco a pouco se distanciando das amarras e achatamentos que, por vezes, acompanham o cotidiano institucional. De certo modo, foi possível, através da inspiração no andar desprezioso do *flâneur*, por meio da escuta-*flânerie*, abrir espaço para a dimensão da experiência e do saber, na e da própria pele daqueles sujeitos.

Em vista disso, podemos dizer que, a escuta-*flânerie* como um modo de investigação, que opera desde a ética da psicanálise, ressalta a escuta, a atenção flutuante, a associação-livre e a **posição** do *flâneur* como marcas da pesquisa-intervenção, colocando em cena a relação transferencial em que circula o sujeito do inconsciente. Mediante isso, entendemos que “o que se processa, nessa dinâmica, é a constituição de um campo no qual o sujeito possa falar e, ao falar, possa escutar a si próprio e apropriar-se de um outro modo de seu dizer” (Zachello, Paul & Gurski, 2015, p. 8). É, justamente, com a costura desses restos e sobras que a *flânerie* se ocupa; vão-se construindo laços através da escuta dos lapsos e de outras produções do inconsciente que o sujeito apresenta quando fala.

Conforme Gurski e Rosa (2018), o pesquisador *flâneur*, aquele que caminha e escuta sem uma única direção, oferece a “possibilidade de uma fala mais livre e mais implicada com o tempo de cada um” (s/p.) Destacamos a importância dessa **posição de escuta**, especialmente em uma instituição que carrega um caráter aprisionador. Cabe ao pesquisador em psicanálise sustentar essa condição atemporal corriqueira ao psicanalista, de se fazer errante em um cenário rígido como o da socioeducação. Conforme Rosa (2004, p. 343), “A pesquisa é a escrita do próprio processo incluindo o pesquisador”, isto é, nessa referência ao outro do pesquisador, de um sujeito que escuta e **testemunha** a intervenção, é que pode advir a pluralidade e a emergência do inconsciente, neste caso, dos agentes socioeducadores (Gurski & Rosa, 2018).

A fim de darmos continuidade ao fio que costura esse trabalho, torna-se relevante falar acerca dos aspectos que fizeram parte do caminho desta pesquisa. Como citado anteriormente, realizei a intervenção no campo entre agosto e dezembro de 2019. Durante esse tempo, me coloquei a *flanar* pelos espaços da instituição com a intenção de escutar os agentes socioeducadores durante o seu fazer cotidiano, conforme os pressupostos metodológicos da escuta-*flânerie*. Esse período da intervenção teve duração de aproximadamente 4 meses, sendo realizada em caráter semanal com duração aproximada de 1h30min a cada encontro.

Após as idas a campo, [eu], a pesquisadora, escrevia *diários de experiência*, um instrumento metodológico usado para narrar o que [me] acometia a partir das vivências na instituição ou em outros espaços. A ideia dessa ferramenta é poder falar em associação livre o que ficou como resto, traço, registro e/ou marca da experiência. Os diários atuam como uma maneira de fazer a transferência falar, demonstrando a implicação do pesquisador com aquilo que escuta.

Os materiais de registro da pesquisa foram realizados através do instrumento nomeado de *diários de experiência* (Zachello, Paul & Gurski, 2015; Gurski, 2017; Gurski & Strzykalski, 2018). Estes são escritos acerca do que é vivenciado pelo pesquisador em psicanálise através das suas experiências e inquietudes no encontro com o campo de pesquisa. Portanto, os diários estão fortemente ligados ao que Freud (1895/1969) chamou de temporalidade do *à posteriori*, ou seja, um momento em que o caráter do só-depois incide no material que foi vivenciado e posteriormente narrado, construído e produzido diante do que ficou em suspensão acerca do vivido. Tais registros são tensionados com aspectos já produzidos em dissertações e artigos construídos no âmbito do Grupo de Pesquisa acerca do trabalho desenvolvido, articulando as **afetações** com o campo também com **conceitos fundamentais** da psicanálise.

Os diários de experiência como instrumento teórico-metodológico foram construídos em meio ao trabalho no campo da Socioeducação (Zachello, Paul & Gurski, 2015; Gurski, 2019a, 2019b) a partir de três fontes de inspiração: as anotações e comentários breves de Walter Benjamin; os diários de campo – ferramenta derivada dos estudos antropológicos e da etnografia; e as notas breves, que Freud (1929-1939/2004) escreveu nos últimos 10 anos de sua vida.

Desse encontro com as notas breves de Freud, foi possível visualizar o ensaio de alguns conceitos da teoria psicanalítica em conjunto com notícias do cotidiano da época, tal atitude nos levou a pensar sobre o tempo próprio da escuta-*flânerie*, que coloca o

pesquisador *flâneur* a *flanar* pelas questões que fazem eco no seu tempo social (Gurski & Strzykalski, 2018; Gurski, 2019a).

Para a análise dos diários de experiência temos usado como operador conceitual a proposta de *leitura-escuta*; uma forma de leitura orientada pela escuta e atenção flutuante (1912/2010) a partir de um aglomerado de escritos construídos desde a temática interpelada (Caon, 1994; Iribarry, 2003).

## 2.2. Do método à teoria: um caminho inverso?

Ao contrário do que habitualmente sobrevém no andar da pesquisa em psicanálise, quando me inseri no Grupo como mestranda, eu sabia o que eu **não queria** para o âmbito metodológico do meu trabalho de investigação, – tenho nomeado tal movimento como “*caminho inverso*”. Caracterizo esse caminhar de um modo avesso, ancorado no desejo do pesquisador suscitado ainda na época da graduação e alimentado pelos encontros com o desconhecido que conduzem este escrito.

No início deste trabalho, discorri sobre minha trajetória acadêmica e meu encontro com a pesquisa. Na estrada da graduação, me deparei com metodologias com as quais não me identifiquei, já que a concepção de sujeito que desdobravam eram distantes do que me parecia mais interessante. De certa forma, aquele (des)encontro da época me ajudou a estar aqui articulando novos caminhos para o meu trajeto e, ao mesmo tempo, para o trajeto de pesquisa em psicanálise no campo social.

Por experienciar esse campo que deslegitimava o lugar do desejo do pesquisador, que rechaçava qualquer pensamento que aspirasse uma articulação entre pesquisa e intervenção, que realizei esse movimento de ir “a contrapelo”. De acordo com Fischer e Marcello (2011) é “(...) na medida em que ver é permitir ir além, em que ver é também criar, em que no ato de ver colocamos sempre um pouco de nós mesmos” (p. 516). Nesta perspectiva, para que possamos falar da experiência, precisamos falar dos momentos em que os acontecimentos tomam forma, isto é, se torna necessário falarmos a respeito das condições que nos antecedem (Gurski, Barros & Strzykalski, 2019).

Inspirada nesta prerrogativa e no ritmo delicado do *flâneur* é que ensaio esta narrativa dos caminhos que me conduziram até a *escuta-flânerie*, pois, conforme Teixeira (2009), a escrita do analista acontece como testemunho da experiência. Ainda acompanhada por este entrelaço que Teixeira (2009) propõe em *Freud e a Literatura: destinos de uma travessia*, destaco a menção da autora a respeito da especificidade da

escrita freudiana enquanto transmissora de **uma nova maneira de fazer ciência** – uma forma implicada de narrar, que traz à tona a enunciação como protagonista.

Perrone (2010), no texto *Walter Benjamin e Sigmund Freud: a psicanálise do despertar*, convida o leitor a refletir sobre a palavra *detalhe*. A autora confere o estatuto do detalhe como a “pequena coisa”, pequena coisa-detalhe-fragmento. Tal menção chama a atenção pois, embora o elemento da *flânerie* como um modo de investigação não se apresente no escrito citado, ele se faz presente quando ilustra a função delicada do detalhe, sendo justamente uma das **particularidades** que deu origem ao método da escuta-*flânerie*, e também do traço que conduz essa pesquisa. Já que o detalhe é aquilo que o *flâneur* recolhe na sua *flânerie* e que o analista recolhe na escuta, o resto esquecido pode vir a participar do despertar do sujeito, do despertar do sujeito do inconsciente.

Desse modo, na medida em que me aproximei e me apropriei teoricamente da metodologia e de seus pressupostos, me deparei e passei a considerar problematizações acerca do tema da transferência, já que estas problematizações já se apresentavam nas discussões do Grupo de Pesquisa desde antes de meu ingresso. Guiada pelas produções do inconsciente, não pude escapar desse enlace entre método e teoria, de um caminho a ser percorrido, tecido assim como Gilberto Gil nos diz em *Oriente*, música de 1972:

*“Pela constatação de que a aranha  
Vive do que tece  
Vê se não se esquece  
Pela simples razão de que tudo merece  
Consideração”.*

## **8. Considerações sobre o encontro com o *real* na socioeducação**

Conforme Coelho Junior (2015), cada situação clínica possui uma capacidade singular de criação de cada realidade. Nesse sentido, enquanto grupo de pesquisa que se inquieta com as articulações entre psicanálise e as produções do laço social e da cultura, temos nos dedicado a operar um certo descolamento da clínica do um a um, reinventando intervenções possíveis para operar com a escuta no campo social.

Ao longo desse trabalho, busquei apresentar como a escuta-*flânerie* tem atuado enquanto dispositivo de intervenção na instituição socioeducativa, bem como nossa

maneira de construir bordas e formas de levar a psicanálise a outros campos. Para isso, me dediquei a trabalhar com algumas das cenas vivenciadas durante a intervenção, resgatando elementos fundamentais da teoria psicanalítica como potência de sustentação. Um dos fios condutores desse trabalho foi pensar sobre as formas de operar com a transferência que é endereçada ao pesquisador em psicanálise diante das condições desta escuta na instituição socioeducativa.

Na medida em que os estudos foram se aprofundando e as discussões do trabalho foram ganhando corpo, fomos identificando a participação e legitimação dos agentes com relação à intervenção proposta. A intenção de indagarmos a respeito da criação de uma cena ética a partir de alguns aspectos dos escritos de Butler produziu um achado importante para a pesquisa, dando ainda mais relevância à materialização dos corpos, representado pelos sujeitos que habitam aquele lugar.

Esse movimento também nos instrumentalizou para pensar a importância da presença como condição para a escuta-*flânerie*, considerando que, o pesquisador *flâneur*, atravessado pelas questões transferenciais, sente na pele o descarte social que aqueles agentes e adolescentes sofrem. Através dos imperativos apresentados e dos desafios frente à cena transferencial, bem como dos afetos interpelados nas cenas, experimentamos diferentes manifestações.

Buscamos nos orientar e dar espaço para os fundamentos da psicanálise, pontuando que o inconsciente se faz presente em diferentes sítios, não só na clínica *strictu sensu*. Conforme sugere Quinet, “é o analista com seu ato que dá existência ao inconsciente, promovendo a psicanálise no particular de cada caso” (2009, p.8); ancorados nessa prerrogativa, apostamos na escuta-*flânerie* como um modo de dar um contorno à posição de escuta do pesquisador-psicanalista na Instituição socioeducativa. Entendemos que a própria condição de escutar as falas em livre associação, buscando marcar o lugar das produções do sujeito, em um ambiente que tem como característica o encarceramento, promove, por parte daquele que escuta, um ato subversivo. Considerando que a realidade da clínica é a realidade transferencial, aquela que permite-nos acessar os conteúdos latentes do inconsciente, podemos dizer que a realidade da escuta-*flânerie* é, também, da que sustenta uma posição de invenção, justamente por carregar consigo a expressão da transferência ao saber inconsciente (Teixeira, 2009) em vastos campos. Importante sublinhar que, quando me refiro à realidade, em momento algum rechaço a realidade da socioeducação, materializada através dos contratempos diários e das dificuldades presentes naquele contexto; inclusive, foi através da experiência

em loco, e da identificação do *real* lacaniano neste espaço que essa pesquisa se construiu, tornando a escrita desse texto possível.

O encontro com o *Fort-da*, atrelado ao conceito de pulsão de morte, trabalhado por Freud e Lacan, foi fundamental para reconhecer a vivacidade dos fundamentos da psicanálise nos modos de fazer pesquisa no campo social.

Conforme referido no texto, alguns trabalhos no âmbito de pesquisas e de intervenções com agentes socioeducadores foram visitados para agregar os tensionamentos desse projeto. Entretanto, os trabalhos aos quais tivemos acesso seguem outra lógica de investigação e abordagem, calcados em dispositivos e instrumentos metodológicos diferentes da pesquisa psicanalítica. Nesse sentido, por meio da *escuta-flânerie*, desejamos que a psicanálise possa assumir um pouco mais a posição de reforçar seu compromisso ético-político com o sujeito não só na clínica, mas também na pólis.

A partir desse mergulho nas questões que foram sendo enunciadas pelos trabalhadores no decorrer da pesquisa, e pelos discursos que são produzidos pelo/no laço social, foi possível perceber a importância de pesquisas e intervenções que propõe a escuta desses agentes. Consideramos que, através de uma escuta que apresenta como condição o *sentir na pele o que eles sentem*, possibilita que esses socioeducadores consigam falar sobre as fragilidades vivenciadas nesse sistema desde uma outra posição, expressando a angústia em sentir sua função deslegitimada e abandonada pelas lideranças políticas, que descredibilizam os trabalhos implicados com a questão da vulnerabilidade social.

Ainda importa dizer que meu desejo como pesquisadora em psicanálise do NUPPEC é seguir articulando e dando maior densidade às questões que envolvem os fundamentos da psicanálise no trabalho da *escuta-flânerie*, seja na instituição socioeducativa, seja em outros espaços. Foi possível perceber que tensionar as políticas dos afetos que circulam nesses ambientes reforçam a vontade de de intervir, desde a psicanálise, nas tramas do *real* e pela via da transferência. Refletir, através da aliança dos corpos, nos convoca a uma escuta do singular em meio ao tecido social, apostando sempre na condição de uma *cena ética*, conforme proposto por Butler (2005/2015) em lugares onde as vidas são consideradas precárias e onde a alteridade não está garantida.

Segundo Safatle (2015), “(...) a estrutura do direito determina as formas possíveis que a vida pode assumir, os arranjos que as singularidades podem criar. Elas fazem das formas de vida aquilo que previamente tem o molde da previsão legal” (p. 109). Cito este fragmento com a intenção de informar ao leitor que, durante o momento de escrita dessa

dissertação, nos encontramos “previamente moldados à previsão legal”, isto é, um segundo momento da intervenção não pôde ocorrer, considerando o caráter excepcional e caótico que caracteriza esse tempo pandêmico no qual ainda estamos imersos<sup>9</sup>.

Embora a intervenção em *presença* não tenha acontecido, durante a tessitura desse escrito, realizamos algumas reuniões com a instituição socioeducativa, fazendo-se presente através dos laços já estabelecidos. De certo modo, a escuta-*flânerie* segue operando dentro das condições possíveis para a atual conjuntura, fazendo uma costura das narrativas que brotam desses encontros através da escuta do que se produz nesses espaços, na tentativa de colocarmos “momentos dispersos em sincronia a partir das pressões do presente” (Safatle, 2015, p. 137).

## 9. Referências

Albuquerque, J. F. (2019). **Entre socioeducação e punição: trabalho sujo, identidades e práticas dos agentes socioeducativos da UISS**. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-graduação em Sociologia, Universidade de Brasília, Brasília.

Barros, M. (2018). **Memórias inventadas**. 1ª Ed, Rio de Janeiro: Alfabeta, (1916).

Beividas, W. (1999). **Pesquisa e transferência em psicanálise: lugar sem excessos**. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, 12 (3), 00. <https://doi.org/10.1590/S010279721999000300016>

Benjamin, W. (2007). **Baudelaire e a modernidade**. Ed. e tradução João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica.

Benjamin, W. (2017). **Imagens de pensamento / Sobre o haxixe e outras drogas**. Ed. e tradução João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica.

Benjamin, W. (2006). *Passagens*. Belo Horizonte: UFMG. (Original publicado em 1935).

---

<sup>9</sup> Segundo a Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS) o COVID-19 é uma doença infecciosa causada pelo coronavírus da síndrome respiratória aguda grave 2 (SARS-CoV-2), e deu origem a uma pandemia global. “Constitui uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional – o mais alto nível de alerta da Organização, conforme previsto no Regulamento Sanitário Internacional” (OPAS, 2020, s/p).

- Bernardino, L. (1998). **De uma instituição ideal a uma prática possível efeitos de um (bom) encontro**. Estilos Da Clinica, 3(4), 80-85. <https://doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v3i4p80-85>
- Betts, J. (2014). **Desamparo e vulnerabilidade no laço social - a função do psicanalista**. Revista da APPOA, 45-46, 09-19.
- Birman, J. (2003). **Mal estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação**. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Brasil (1990). **Câmara dos Deputados**, Edições Câmara. CEDI. COEDI. ECA: Estatuto da Criança e do Adolescente - Brasília-DF: CIP (13 edição).
- Brasil (2006). **Presidência da República. Secretaria Especial dos Direitos Humanos da Presidência da República**. Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente. / SINASE: Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo – Brasília-DF: CONANDA.
- Bretas, A. (2008). **A constelação do sonho em Walter Benjamin**. Brasil: Humanitas.
- Butler, J. (2015). **Relatar a si mesmo: crítica da violência ética**. Trad. Rogério Bettoni. Belo Horizonte: Autêntica Editora. (Trabalho original publicado em 2005).
- Butler, J. (2018). **Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa da assembleia**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. (Texto original publicado em 2015).
- Butler, J. (2020). **Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto?** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. (Texto original publicado em 2015).
- Butler, J. 2019. **Vida precária: os poderes do luto e da violência**. Belo Horizonte: Autêntica. (Texto original publicado em 2004).
- Caon, J. L. (1994) **O pesquisador psicanalítico e a situação psicanalítica de pesquisa**. Psicologia: Reflexão e Crítica, 7(2), 145-174.
- Caon, J. L. (1997). **Serendipidade e situação psicanalítica de pesquisa no contexto da apresentação psicanalítica de pacientes**. Psicologia: Reflexão e Crítica, 10(1), 105-123.
- Chaves, E. (2017). **Os alienistas**. Revista Cult. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/os-alienistas/>. Acessado em: 15 de jun de 2020.
- Chaves, E. (2019). **Perder-se em algo que parece plano**. In: Sigmund, F. **O Infamiliar [das Unheimliche]**, p. 153-173. Tradução de Ernani Pinheiro Chaves, Pedro Heliodoro Tavares e Romero Freitas. São Paulo: Editora Autêntica.
- Checchia, M. (2011). **O Inconsciente é a Política?** Stylus, Rio de Janeiro, n. 22, p. 69-80.
- Coelho Junior, N. E. (2015). **Figuras da terceiridade na psicanálise contemporânea: suas origens e seus destinos**. Cadernos de Psicanálise, 37(32), 175-195.

Costa, A; & Poli, M. C. **Alguns Fundamentos da Entrevista na Pesquisa em Psicanálise**. Pulsional, São Paulo, v. 19, n. 188, p. 14-21, 2006.

Danto, E. A. (2019). **O tratamento gratuito** (1918) in: As clínicas públicas de Freud: Psicanálise e Justiça Social, 1918-1938, São Paulo: Ed. Perspectiva. de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1979.

Decreto Lei Nº 5.747, de 17 de janeiro de 1969 do Estado do Rio Grande do Sul, Assembleia Legislativa, Gabinete de Consultoria Legislativa. Disponível em: <[http://www.al.rs.gov.br/legis/M010/M0100099.ASP?Hid\\_Tipo=TEXTO&Hid\\_TodasNormas=39610&hTexto=&Hid\\_IDNorma=39610](http://www.al.rs.gov.br/legis/M010/M0100099.ASP?Hid_Tipo=TEXTO&Hid_TodasNormas=39610&hTexto=&Hid_IDNorma=39610)>. Acesso em 02 de jul. de 2020.

Dias, M. (2008). **Ato analítico e final de análise**. Fractal: Revista de Psicologia, 20(2), 401-408.

Elia, L. (2000). **Psicanálise: clínica e pesquisa**. In: Alberti, S; & Elia, L. Clínica e Pesquisa em Psicanálise. Rio de Janeiro: Marca d'Água, 2000. P. 19-35.

Ferenczi, S. (2011). **As fantasias provocadas**. In S. Ferenczi, Obras Completas (Á. Cabral, trad., 2ª ed., Vol. 3, pp. 261-269). São Paulo: WMF Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1924).

Ferenczi, S. (2011). **Elasticidade da técnica psicanalítica**. In S. Ferenczi, Obras Completas (Á. Cabral, trad., 2ª ed., Vol. 4, pp. 29-42). São Paulo: WMF Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1928).

Fischer, R. (2016). **Foucault, Clarice: as palavras, as coisas, a experiência**. Conferência no II Seminário Internacional Michel Foucault. UFPEL: Pelotas/RS. (Cinquentenário de *As palavras e as coisas*).

Fischer, R; Marcello, F. (2011). **Tópicos para Pensar a Pesquisa em Cinema e Educação**. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 36, n. 2, p. 505-519.

Freud, S. (1996). **Recordar, Repetir, Elaborar**. Tradução sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. 12, p. 159-172, originalmente publicado em 1914).

Freud, S. (1905) **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. Edição Standard Brasileira das obras completas, vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

Freud, S. (1916-1917) **Conferências introdutórias sobre psicanálise**. Conferência XXVII: Transferência. Obras Completas. Rio de Janeiro: Imago, 1976, 503-521. (Edição Standard Brasileira, Vol XVI).

Freud, S. (1980). **Artigos sobre a técnica. O manejo da interpretação de sonhos na psicanálise**. In S. Freud, Edição standard brasileira das obras psicológicas completas (J. Salomão, trad., Vol. 12, pp. 121-127). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1911).

Freud, S. (1980). **Estudos sobre a histeria. A psicoterapia da histeria**. In S. Freud, Edição standard brasileira das obras psicológicas completas (J. Salomão, trad., Vol. 2, pp. 43-369). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1893-1895).

Freud, S. (1990). **Projeto para uma psicologia científica**. In: Freud, S. Obras Completas (vol. 1). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1895).

Freud, S. (1996). (1939[1934-38]). **Moisés e o monoteísmo**. Rio de Janeiro: Imago, v. XXIII. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, originalmente publicado 1939 [1934-38]).

Freud, S. (1996). **Fragmento da análise de um caso de histeria**. In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v. 7. Tradução por Editora Imago. Rio de Janeiro: Editora Imago, 329p. Versão inglesa. Original em alemão. (originalmente publicado em 1905).

Freud, S. (1996). **O futuro de uma ilusão e o mal-estar na civilização e outros trabalhos**. In: Obras completas (v. XXI, p.13-73). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1927-1931).

Freud, S. (1996). **Observações Sobre o Amor Transferencial**. In: Obras Completas Ed. Standard Brasileira. Vol. XII. Rio de Janeiro: Imago, 1915.

Freud, S. (2004). **Diário de Sigmund Freud: 1929-1939**. Crônicas Breves. Porto Alegre: Artmed.

Freud, S. (2006). **A dinâmica da transferência**. In Freud, S. Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, vol. XII (Obra original publicada em 1912).

Freud, S. (2006). **Além do princípio do prazer**. In: Obras psicológicas de Sigmund Freud: escritos sobre a psicologia do inconsciente (Vol.2, pp. 123-198). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1920).

Freud, S. (2010). **Recomendações ao médico que pratica a psicanálise**. In: FREUD, S. *Obras Completas* (vol. 10, pp. 147-162). São Paulo: Companhia das Letras, 2010. (Originalmente publicado em 1912).

Freud, S. (2012). **A interpretação dos sonhos**. Tradução do alemão de Renato Zwick. Revisão Técnica e Prefácio Tania Rivera. Ensaio Bibliográfico Paulo Endo e Edson Sousa. Porto Alegre: L&PM, (1900).

Freud, S. (1921). **“Psicologia das massas e análise do eu”**. In. Freud, Sigmund. Obras completas, volume 15: Psicologia das massas e análise do eu e outros textos. Tradução Paulo Cesar Souza. 1.ed. SP: Cia das letras, 2014. p.9-100.

Gil, G. (1972). **Oriente**. *Expresso 2222, Philips Records. Produção de Roberto Menescal*.

Gurski, R; Perrone, C. (2021). **Constelação: Sonhos, psicanálise e política em tempos de pandemia**. In: Dunker, C; Perrone, C; Iannini, G; Rosa, M. D; Gurski, R; (Org.). *Sonhos confinados: o que sonham os brasileiros em tempos de pandemia*. 1ed.Belo Horizonte: Autêntica.

Gurski, R. & Perrone, C. M. (2019). Atividade: Conferência - **Psicanálise, Benjamin, sonhos e política - a oniricopolítica em construção**. Evento: O sonho e o despertar em

Freud e Benjamin: a oniricopolítica em construção IES (ou instituição): USP (São Paulo). Setembro.

Gurski, R. & Rosa, M. D. (2018). **Psicanálise, Socioeducação, e a construção da escuta-flânerie**. *Correio da APPOA*, 282. Acessado em 01 de jul de 2020. Disponível em: <[http://www.apboa.com.br/correio/edicao/282/psicanalise\\_socioeducacao\\_e\\_a\\_construcao\\_da\\_escuta\\_flanerie/648](http://www.apboa.com.br/correio/edicao/282/psicanalise_socioeducacao_e_a_construcao_da_escuta_flanerie/648)>.

Gurski, R. (2014). **Três Tópicos para pensar (a contrapelo) o mal na educação**. In: Voltolini, R. (Org.). *Retratos do mal-estar na educação contemporânea*. São Paulo: Escuta/FEUSP.

Gurski, R. (2017). **A escuta de jovens “infratores”, o RAP e o poetar: deslizamentos da vida nua à “vida loka”**. *Revista Subjetividades*, 17, 45-56.

Gurski, R. (2019a). **A escuta-flânerie como efeito ético-metodológico do encontro entre Psicanálise e Socioeducação**. *Tempo psicanalítico*, 51(2), 166-194. Recuperado em 18 de novembro de 2021, de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-48382019000200009&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382019000200009&lng=pt&tlng=pt).

Gurski, R. (2019b). **A escuta-flânerie como efeito do encontro entre psicanálise e socioeducação**. In: Gurski, R. & Pereira, M. (Orgs.). *Quando a Psicanálise escuta a Socioeducação*. Belo Horizonte: Editora Fino Traço.

Gurski, R. (2020). **La escena ética como efecto del encuentro entre el psicoanálisis, la socio-educación y la construcción de la escucha-flânerie**. In: Perla Zelmanovich; Minnicelli, Mercedes. (Org.). *RESISTIDAS Y DESAFIADAS Qué desafía y qué resiste en las prácticas escolares, hospitalarias, comunitarias y jurídicas?* 1ed., v., p. 1-.

Gurski, R; & Strzykalski, S. (2018). **A escuta psicanalítica de adolescentes em conflito com a lei: que ética pode sustentar esta intervenção?** *Revista Tempo Psicanalítico*, Rio de Janeiro, v. 50, p. 72-98.

Gurski, R; & Strzykalski, S. (2018). **A Pesquisa em Psicanálise e o “Catador de Restos”**: enlances metodológicos. *Revista Ágora: estudos em teoria psicanalítica*, Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro, p. 406-415, 2018.

Heck, F. A. & Kessler, C. H. (2015). **Clínica pública e Universidade: considerações sobre uma posição do analista**. *Psicologia & Sociedade*, 27 (3), 618-628. <https://doi.org/10.1590/1807-03102015v27n3p618>

Iribarry, I. N. (2003). **O que é pesquisa psicanalítica?** *Revista Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 6(1), 115-138.

Kupermann, D. (2008). **Presença sensível: a experiência da transferência em Freud, Ferenczi e Winnicott**. *Jornal de Psicanálise*, 41(75), 75-96. Recuperado em 01 de agosto de 2020, de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-58352008000200006&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352008000200006&lng=pt&tlng=pt).

Lacan, J. (1953 – 54) **O seminário, livro 1: Os escritos técnicos de Freud**. Rio

- Lacan, J. (1974/1980). **La tercera. In: Actas de la Escuela Freudiana de Paris** (pp. 159-186). Barcelona: Ediciones Petrel.
- Lacan, J. (1985). **O Seminário, livro 20: mais, ainda**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Originalmente publicado em 1972-73).
- Lacan, J. (1988). **O seminário. livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1998). **A direção do tratamento e os princípios de seu poder**. In Lacan, J. Escritos (pp. 591-652). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1958).
- Lacan, J. (1998). **A direção do tratamento e os princípios do seu poder**. In Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Publicado originalmente em 1958-1998).
- Lacan, J. (1998). **Função e Campo da Palavra e da Linguagem em Psicanálise**, in: Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998, p. 238-324. (Trabalho original publicado em 1953).
- Lacan, J. (1998). **Intervenção Sobre a Transferência**, in: Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998, p. 214-225. (Trabalho original publicado em 1951).
- Lacan, J. (2005). **O Simbólico, o Imaginário e o Real**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, (1974-1975).
- Lacan, J. (2008) **O seminário, Livro 11. Os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar. (Publicado originalmente em 1963-1964).
- Lacan, J. (2010) **O seminário, Livro 7. A ética da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar. (Obra original proferida em 1959-1960).
- Lacan, J. (2010). **O Seminário, livro 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Originalmente publicado em 1954-55).
- Lacan, J. (2010). **O seminário, livro 8: a transferência**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Seminário original de 1960-1961).
- Löwy, M. (2005). **Walter Benjamin: aviso de incêndio. Uma leitura das teses 'Sobre o conceito de História'**, São Paulo, Boitempo.
- Mates, R. (2001). **Meia-noite na História, Comentários às teses de Walter Benjamin sobre o conceito da história**, Ed. Unisinos.
- Nasio, J. D. (2010). **O Silêncio na Psicanálise**. Rio de Janeiro, Zahar.
- Oliveira, D, M. (2017). **Uma análise cartográfica: o lugar da infância na escola**. (Trabalho de Conclusão de Curso) Graduação de psicologia, Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, Santo Ângelo, Rio Grande do Sul, Brasil.
- ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE, OPAS no Brasil. Brasília, 02 de jul. de 2020. Disponível em:

<[https://www.paho.org/bra/index.php?option=com\\_content&view=article&id=885:opas-oms-no-brasil&Itemid=672](https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=885:opas-oms-no-brasil&Itemid=672)> Acesso em: 02 de jul. de 2020.

Pereira, M; & Gurski, R. (2014). **A adolescência generalizada como efeito do discurso do capitalista e da adulez erodida**. Revista Psicologia & Sociedade, 26(2), 376-383.

Perrone, C. M. (2010). **Walter Benjamin e Sigmund Freud: a psicanálise do despertar**, Disponível em <<https://walterbenjamin cinema.wordpress.com/2010/11/13/walter-benjamin-e-sigmund-freud-a-psicanalise-do-despertar-de-claudia-maria-perrone/>>

Perrone, C. M; Gurski, R; (2020). **Clínica do trabalho flânerie**. In: Rosana de Souza Coelho. (Org.). Psicanálise e Trabalho: aspectos subjetivos, sócio-históricos e políticos. 1ed. Porto Alegre: Memorial da Justiça do Trabalho no Rio Grande do Sul, v. p. 69-80.

Pires, L. P (2018). **A Construção da Escuta-flânerie - uma Pesquisa Psicanalítica com Agentes Socioeducadores que Atendem Adolescentes em Conflito com a Lei**. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicanálise: Clínica e Cultura, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil.

Pires, P. L; & Gurski, R. (2020). **A construção da escuta-flânerie: uma pesquisa psicanalítica com socioeducadores**. Psicologia USP, 31, e180128. Epub 16 de março de 2020.

Poli, M. C. (2014). **Clínica da Exclusão: a construção do fantasma e o sujeito adolescente**. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Rosa, J. G. 1994. **A terceira margem do rio**. In: Primeiras estórias. Ficção completa, vol II. Rio de Janeiro: Nova Aguilar.

Rosa, M, D. (2004). **“A psicanálise e as instituições: um enlace ético-político”**. Trabalho apresentado no V Colóquio A Psicanálise, as Instituições e a Infância, do Lepsi do Instituto de Psicologia e Faculdade de Educação da USP, em outubro de 2004. Disponível em: [www.fe.usp.br/lepsi](http://www.fe.usp.br/lepsi) (Biblioteca Eletrônica da Scielo).

Rosa, M. D. (2004) **A Pesquisa Psicanalítica dos Fenômenos Sociais e Políticos: metodologia e fundamentação teórica**. Revista Mal-Estar e Subjetividade, Fortaleza, v. 4, n. 2, p. 329-348.

Rosa, M. D. (2016). **A clínica psicanalítica em face da dimensão sociopolítica do sofrimento**. São Paulo: Escuta/Fapesp.

Rosa, M. D., Estêvão, I. R., & Braga, A. P. M. (2017). **Clínica psicanalítica implicada: conexões com a cultura, a sociedade e a política**. *Psicologia Em Estudo*, 22(3), 359-369. <https://doi.org/10.4025/psicoestud.v22i3.35354>

Rosa, M. D.; Penha, D.; & Alencar, R. **A gestão social na lógica da guerra e o poder soberano: ética e política no nosso tempo**. Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre, Porto Alegre, v. 51/52, n. 0, p.65-79, jun. 2019. Anual. Dossiê: Mal-estar em tempos sombrios.

Safatle, V. (2015). **Por um conceito "antipredicativo" de reconhecimento**. Lua Nova: Revista de Cultura e Política, (94), 79-116. <https://doi.org/10.1590/0102-64452015009400004>

Safatle, V. (2016). **Medo, esperança, desamparo: por uma política dos afetos**. Vídeo, UFBA, 02 de maio de 2016. Disponível em: < [https://ufba.br/ufba\\_em\\_pauta/safatle-em-pol%C3%ADtica-entrar-em-confronta%C3%A7%C3%A3o-%C3%A9-desconstruir-circuitos-de-afetos](https://ufba.br/ufba_em_pauta/safatle-em-pol%C3%ADtica-entrar-em-confronta%C3%A7%C3%A3o-%C3%A9-desconstruir-circuitos-de-afetos)> Acessado em: 10 de jun de 2020.

Safatle, V. (2018). **O circuito dos afetos: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo**. Belo Horizonte: Autêntica.

Teixeira, L. C. (2009). **Freud e a literatura: Destinos de uma travessia**. Fortaleza, CE: As Musas.

Zachello, C; Paul, F; & Gurski, R. (2015) **Adolescência e síndrome de down na tela**. Estilos Da Clínica. Revista Sobre a Infância Com Problemas, v. 20, n. 3, p. 459-474.